



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Política Social e Serviço Social**

**Sub-eixo: Política de Educação**

## **O CIRCO DA ALEGRIA DE TOLEDO/PR: O CIRCO SOCIAL COMO AÇÃO EDUCATIVA EMANCIPATÓRIA**

**CRISTIANE CARLA KONNO<sup>1</sup>**

**ARILDO SANCHES GUERRA<sup>2</sup>**

### **RESUMO**

O trabalho que ora se apresenta aborda o Circo da Alegria de Toledo-Pr. O projeto social é desenvolvido junto público de crianças, adolescentes e jovens, num contexto de desigualdades sociais, materializadas por relações de violência e/ou violação de direitos. Como circo social, o Circo da Alegria se forja como uma metodologia social na construção do diálogo pedagógico entre a arte circense e a educação popular. Considerando que a educação, como prática social, é permeável ao contexto social e histórico em que se realiza, e, dialeticamente, coloca-se tanto para a reprodução do capital e dos constrangimentos da alienação, quanto como força motriz para o enfrentamento e resistência destes a partir de valores e princípios emancipatórios, que impulsionam as lutas sociais, se constituindo como possibilidade de ações emancipatórias.

**Palavras Chave:** Circo da Alegria, Circo Social, Educação Popular

### **RESUMEN**

La obra que ahora se presenta aborda el Circo da Alegria de Toledo-Pr. El proyecto social se desarrolla entre niños, adolescentes y jóvenes, en un contexto de desigualdades sociales, materializadas por relaciones de violencia y/o vulneración de derechos. Como circo social, Circo da Alegria se forja como metodología social en la construcción del diálogo pedagógico entre el arte circense y la educación popular. Considerando que la educación, como práctica social, es permeable al contexto social e histórico en el que tiene lugar y, dialécticamente, representa a la vez la reproducción del capital y las limitaciones de la alienación, y como fuerza impulsora para enfrentarlas y resistirlas. basadas en valores y principios

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Oeste do Paraná

<sup>2</sup> Universidade Estadual do Oeste do Paraná

emancipadores, que impulsionam las luchas sociales, constituyendo una posibilidad para acciones emancipadoras.

**Palabras-Clave:** Circo de la Alegría, Circo Social, Educación Popular

## I INTRODUÇÃO

A prática do circo social no Brasil é antiga e não há como precisar ou citar uma data específica para seu surgimento. Segundo Silveira (2003) esse fenômeno surgiu a partir da segunda metade da década de 1970 e atravessou os anos de 1980 e 1990, consolidando-se como um processo educativo muito relevante. O ensino do circo junto as classes populares, é desenvolvido como um instrumento didático-pedagógico, principalmente pelos movimentos sociais, em comunidades periféricas, constituídas por um conjunto de desigualdades sociais, econômicas, políticas e culturais. Com um público formado por crianças, adolescentes e jovens, situa-se em locais na qual a atuação do poder público e da educação formal são inexpressivas e diminuta. Por isso, constitui-se como uma metodologia que possibilita a construção de conhecimentos que combinam a transmissão de tradições e a cultura popular por meio da partilha e produção dos conhecimentos dos sujeitos da própria comunidade, de modo que sejam sujeitos de sua história.

O circo social não tem por tradição ou objetivo principal a formação de artistas, porém, tem sido utilizado e estudado por muitos pesquisadores como espaço de convivência e de educação popular não formal, tornando-se, ao longo de sua existência, uma grande e poderosa escola para muitas crianças e jovens. Isso o torna não apenas mais um espaço para aprendizagem da milenar arte circense, mas um meio de aquisição de conhecimentos a serem apreendidos e incorporados pelos que dele participam, projetando-os para um processo de transformação social. Tal afirmação se deve ao fato de que, nos projetos e programas sociais, ao qual se instala, não se ensina apenas as técnicas do circo, pois há uma preocupação em criar alternativas de aprendizagens da vida e para a vida. Em outras palavras, a educação popular e o ensino do circo social são alternativas para que seus praticantes ampliem e dominem os conhecimentos técnicos e despertem o senso crítico para a realidade.

É sob esta perspectiva que o Circo da Alegria de Toledo, no estado do Paraná, se inscreve. Implementado em 1992, na Escola Municipal Anita Garibaldi, localizada no bairro do Jardim Europa, desse município, teve como objetivo inicial diminuir o alto índice de indisciplina e evasão escolar dos estudantes. Desde então, além do processo socioeducativo da arte circense,



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

possibilita a convivência social às crianças e adolescentes participantes, oportunizando lhes assistirem a espetáculos, frequentarem teatros e demais espaços artísticos e educacionais, conviverem com vários artistas dos diversos seguimentos culturais, além de prestigiarem exposições de artes e outras manifestações culturais. Na mesma medida, isso também fomenta o senso cultural, a afetividade, o respeito mútuo, a autonomia, a cidadania e a valorização humana e da arte.

Dados demonstrados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023), revelam uma realidade desigual no acesso à educação, mesmo com a queda no analfabetismo, conforme evidencia a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, PNAD, divulgada em junho de 2023:

O levantamento registra declínio do analfabetismo no país desde o início do levantamento em 2016, quando 6,7% da população não sabiam ler e escrever. A nova taxa de 5,6% reflete a queda em todas as faixas etárias. No entanto, entre os idosos, a proporção de analfabetos é mais significativa. Na população com 60 anos ou mais, 16% não sabiam ler e escrever em 2022. "Esses resultados indicam que as gerações mais novas estão tendo maior acesso à educação e sendo alfabetizadas ainda enquanto crianças", revela o levantamento. (IBGE, 2023)

De acordo com a pesquisa, houve uma redução de 92,7% para 91,5% no acesso ao Ensino Fundamental entre 2019 e 2022 para crianças de 4 e 5 anos de idade e um aumento para crianças de 6 a 14 anos de idade, saltando para 99,4%. É importante ressaltar que a universalização do ensino nessa faixa etária já havia sido alcançada em 2016, com 99,2% das crianças e adolescentes frequentando a escola.

A mesma pesquisa revela as discrepâncias regionais quando se trata de educação no Brasil: a região nordeste abarca 55,3% da população brasileira com 15 anos ou mais de idade que não sabe ler escrever, de modo que o analfabetismo nesta região atinge 11,7% da população. Na região norte, o índice atinge 6,4% da população e na região centro-oeste 4%, enquanto na região sudeste o índice de analfabetismo é de 3% e na região sul é de 2,9%.

A pesquisa também evidenciou que houve um aumento de 53,2% entre os concluintes com idade de 25 anos ou mais no ensino médio em 2022 e de 17,5%, em 2019, para 19,2% em 2022 da população com ensino superior completo, mas a desigualdade se repete no quesito raça/cor: 60,7% dos brancos com pelo menos 25 anos concluíram o ensino médio no ano de 2022 e entre pretos e pardos essa taxa foi de 47%. Em relação ao tempo de estudo, pretos e pardos com 25 anos ou mais estudam, em média, 1,7 anos a menos do que pessoas brancas. E, no que



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

se refere ao ensino superior, na faixa etária entre 18 e 24 anos de idade, 29,2% da população branca cursava o nível superior no mesmo período, ao passo que, entre a população preta e parda, este índice foi de 15,3%.

A realidade explicitada pela pesquisa acima demonstra que o direito à educação não se realiza universalmente, sobretudo, ao considerar a dimensão étnico-racial, que emerge como uma expressão da questão social que é inerente à formação sócio-histórica brasileira em sua conexão genética com o capitalismo e, como tal, preserva e reproduz as relações sociais constitutivas da sociabilidade do capital.

Assim, a educação, como prática social, é permeável ao contexto social e histórico em que se realiza e, dialeticamente, coloca-se tanto para a reprodução do capital e dos constrangimentos da alienação quanto como força motriz para o enfrentamento e resistência destes a partir de valores e princípios emancipatórios, que impulsionam as lutas sociais

Partindo dessas considerações, o presente trabalho propõe-se compreender o Circo da Alegria de Toledo-Pr como circo social, portanto, como uma metodologia social de educação popular, cujo caráter político-pedagógico se apresenta como possibilidade de ações emancipatórias.

## **II A EDUCAÇÃO POPULAR COMO FUNDAMENTO DO CIRCO SOCIAL**

O circo social vem sendo estudado e analisado como espaço social de realização da educação por agregar as dimensões formativa e cultural, que propiciam aos sujeitos aquisição de valores e princípios para a vida em sociedade. Pautado nas diretrizes da educação popular, configura-se como um mecanismo fomentador da cidadania, bem como da livre expressão cultural da arte circense e de seus desdobramentos. Seu campo de atuação foca na população periférica, em crianças, adolescentes e jovens que vivenciam as desigualdades sociais, sobretudo, a violência e a violação de direitos, assumindo a pauta da defesa de direitos humanos e sociais.

É neste contexto que o circo social se realiza por meio da educação popular, pois se desenvolve em territórios onde “os sujeitos que lá vivem, resistem; e no conjunto dessas resistências se utilizam de formas de fazer educação produtora e reprodutora de conhecimentos; formas essas que foram ou são extremamente necessárias para sua luta e existência” (Santos, 2020, p.205).

A educação popular é um movimento prático e teórico em educação, presente em processos de organização das classes trabalhadoras, sobretudo nos que apresentam



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

profunda crítica à educação dominante. Paulo Freire (1958) a tem definido como uma educação com o homem, e não sobre o homem, ou, simplesmente, para ele. Uma educação promotora de mudanças e criadora de outras e novas disposições mentais no humano, enquanto o coloca na sua textura sociocultural, em condição compreensiva de seu mundo mesmo (Neto, 2011, p.32).

Para o autor, a educação popular é uma forma de produzir conhecimentos humanos e culturais por meio de um processo de aprendizagem diferente da forma tradicional, uma vez que o sujeito faz a apropriação dos bens culturais através de um processo aberto de ensino/aprendizagem, por meio das referências e experiências que são pautadas na própria realidade dos que fazem parte ativa do processo. Nesse percurso, deve-se usar metodologias cujo objetivo seja a autonomia dos sujeitos e a participação individual e coletiva através de conteúdos próprios e avaliações contínuas, sempre pautada por uma base política que estimule a transformação social por meio de anseios de justiça, liberdade e igualdade.

Paulo Freire acreditava que a educação deveria corresponder à realidade existencial dos educandos e que o trabalho deveria ser pensado e realizado “com o Homem e não para o Homem”.

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento (Freire, 1996, p.21).

A educação formal sempre teve um papel de grande relevância para a construção de todas as sociedades, pois não há sociedade sem educação e nem educação sem sociedade. Ao refletir sobre o alcance da educação para os sujeitos que não estão inseridos na classe dominante, emerge a necessidade de uma educação que dialogue com os interesses da classe dominada – a classe trabalhadora. Ao encontro destas demandas, a Educação Popular atua na contradição da educação hegemônica e burguesa ofertada pelo Estado, sendo caracterizada:

como uma forma de fazer educação, contribuindo para a mobilização e organização dos trabalhadores e favorecendo o despertar para uma consciência crítica, considerando em tal concepção a dimensão da classe e a necessidade de ultrapassar essa ordem societária. Para tanto, ao longo da história – e esse é um elemento importante para a Educação Popular – suas características se forjam nas ações e elaborações cotidianas de um conjunto de pessoas que, ao fazerem parte de uma sociedade extremamente excludente e desigual, criam formas de fazer, sentir, pensar, viver e resistir nesta mesma sociedade. Portanto, a Educação Popular é anterior à educação formal. Embora as duas não se oponham e ainda, por vezes, se complementam (Santos, 2020, p. 205).



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Nesse sentido, a educação popular deve ocorrer em diversos espaços, em vários territórios, de várias formas e os sujeitos que residem nestes espaços devem resistir ao sistema formal e construir uma forma de fazer educação que gere os conhecimentos necessários à luta cotidiana da existência, constituindo-se muitas vezes, em resistência. Portanto, apresenta-se como educação participativa, de caráter emancipatório dos sujeitos que a vivenciam e realizam.

Como educação não-formal dialoga com questões do dia a dia dos sujeitos e tem como centro a formação humana, visando a elementos e conhecimentos para enfrentar e responder às situações concretas de vida, além de desenvolver diversas habilidades que os capacitem para o trabalho. Desse modo, possibilita a leitura crítica de mundo e a capacidade de ler e compreender as palavras, os sentidos e o contexto sócio-histórico: “isso é feito pela valorização de elementos culturais já existentes na comunidade, às vezes mesclados com novos elementos introduzidos pelos educadores, e pela experiência em ações coletivas.” (Gohn, 2007, p. 13).

Para a educação popular, não existe um único saber como verdade absoluta, mas sim diversos saberes cuja direção estratégica é de ruptura com as concepções impostas pela sociabilidade capitalista. Assim, a educação não é a institucionalização de certos conhecimentos acumulados historicamente, mas a possibilidade consciente de o sujeito se construir historicamente. Quanto mais olharmos para as relações existentes entre os educadores e os educandos dentro do contexto escolar, seja em qualquer um dos níveis de aprendizagens, mais se vê que se constituem de forma narrativas, dissertadoras. Ou seja, o conteúdo está com o professor, que possui todo o conhecimento acerca de algo que já foi descoberto e não possui mais nenhuma necessidade de ser discutido ou questionando, tornando-se algo petrificado, morto, que não possui nenhuma capacidade de se reproduzir ou de ser questionado pelos sujeitos. Nesta concepção de prática pedagógica, os educandos atuam como meros ouvintes e o educador:

Aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação. A palavra, nestas dissertações, se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante. Daí que seja mais som que significação e, assim, melhor seria não dizê-la (Freire, 2018, p. 79-80).

Ainda, de acordo com o autor, uma das características dessa educação dissertadora é a sonoridade da palavra e não sua força transformadora. O educando apenas repete e apresenta respostas como uma cantilena silábica que conduz os educandos à memorização mecânica de conteúdos, sem realmente saber ou entender o significado das palavras. Esse ato transforma os educandos em vasilhas ou recipientes a serem enchidos pelo educador, o que denominou de



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

educação bancária, o ato de depositar conteúdo. Nessa forma de educação, os professores são os depositantes e os alunos os depositários e não existe comunicação no processo, que, em seu ato educativo realiza apenas comunicados ao aluno, o qual somente recebe os depósitos e deve guardá-los, arquivá-los, como colecionadores de conteúdos fichados. Não existe questionamento, não existe criatividade, não há transformação de novos saberes, ou seja, não há saber.

Para que esses processos de conscientização sejam alcançados, Freire (1981), utiliza-se de 04 momentos: o primeiro é o processo de conscientização que deve sempre acompanhar o ato educativo por meio da participação e sempre estar aberto inovação e a criações; o segundo é a prática dialógica, que defende o diálogo entre os sujeitos envolvidos no processo: educador e educando, sendo essencial para a construção de uma nova racionalidade; o terceiro é constituído pelos círculos de cultura como forma de trabalhar com as classes populares, o qual tem sua gênese no Movimento de Cultura Popular do Recife (MCP), em 1964. O quarto, por fim, reporta-se às palavras geradoras, que normalmente são do uso diário dos alunos, utilizadas com mais frequência e acerca das quais possui conhecimento.

Em Pedagogia do Oprimido (1970), há uma proposta de educação que busca romper com a educação formal e hegemônica proposta pela sociedade burguesa, visando a uma formação crítica dos sujeitos, que os movimente para que saiam da passividade e se elevem à condição de sujeitos capazes de movimentar o mundo e não apenas de se adaptarem a ele, assumindo sua potencialidade criadora, o que resultaria em sua inserção como transformadores do mundo.

É sob essa ótica que se analisa a relação do circo com a educação popular, na qual compreende-se a arte circense por meio de uma concepção transversal e interdisciplinar que agrega a arte, cultura e educação, pois, historicamente, o circo contém um caráter formativo, seja pelos saberes e conhecimentos criados e transmitidos pelo núcleo familiar, isto é, as habilidades e práticas consideradas como patrimônio familiar, seja pela habilidade de se adaptar à realidade para sobreviver como arte e cultura milenar, sob diversas modalidades artísticas.

Refletindo sobre o circo na realidade brasileira, e mais especificamente, a sua relação com a educação, nota-se que a vinculação entre processo pedagógico, formação circense e educação não-formal começou a se desenvolver no Brasil a partir da década de 1960. Evidentemente, a história do circo antecede a isso, mas é com a educação não-formal, fundamentada, sobretudo, pela educação popular, que o circo social se desenvolve como ação educativa. Naquele contexto, o país vivenciava um período de intensos movimentos de resistência e confronto contra as relações sociais capitalistas e as precárias condições de vida e de aprofundamento das



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

desigualdades sociais, conjuntura que deflagrou a mobilização da população em diversos movimentos sociais, urbanos e rurais, como reação ao alto custo de vida, ao aumento do desemprego e arroxo salarial que abatia a população, sobretudo a trabalhadora. A mobilização e participação política dos trabalhadores e da população em geral, possibilitou questionar e exigir transformações, reivindicando também alterações na educação e, nesse cenário, entre décadas de 1960 e 1970, emergem os movimentos de educação popular e da educação de adultos, proposta por Paulo Freire, sustentadas pelo compromisso político declarado com a educação para a liberdade de setores populares e no resgate de seu papel como sujeitos sociais e históricos.

Conforme Wanderley (1980), a educação popular pode ser entendida como aquela que é produzida por ou para as classes populares, em função de seus interesses enquanto população explorada e dominada pelo capitalismo. Isso se deve ao fato de que o cotidiano de homens e mulheres em condições complexas de vida faz emergir processos de ensino, aprendizagens e novas concepções como possibilidade de responder aos problemas diários de sobrevivência.

### **III O CIRCO DA ALEGRIA DE TOLEDO-PR COMO CIRCO SOCIAL**

Conforme Silva (2009), no Brasil, a partir do século XIX foi registrada a chegada de várias famílias de circenses oriundas da Europa que traziam a “tradição” e os saberes do circo repassados de geração a geração, de forma oral e coletiva. Essa mesma forma de transmissão de saberes permanece até os dias de hoje, principalmente nos grupos de circo itinerante. A transmissão do saber circense fez desse mundo uma escola única e permanente e essa arte ancestral e única só se perpetua graças a dois mecanismos: a transmissão do saber de pai para filho e o ensino proporcionado por uma escola (Silva, 2009, p.25). Dessa forma, o ensino do circo, que antes era feito somente no meio familiar, dentro das lonas, normalmente pertencentes as famílias tradicionais, passou a ser replicado e ensinado em escolas.

No passado e no presente, os saberes das artes do circo conformaram o maior patrimônio ou capital das famílias circenses – dos artistas do circo – especialmente no que se refere ao circo itinerante. No âmbito artístico, em que a formação familiar é o modo mais comum de ensino, a transmissão oral, em geral de pais para filhos, representa a pedagogia hegemônica, uma ação estreitamente atrelada à tradição familiar e ao trabalho dos mestres, personagens respeitados por sua experiência e capacidade para forjar novas gerações de artistas e assim perpetuar essa arte (Bortoleto, Pinheiro e Prodocimo, 2009)

No decorrer da história e consolidação do circo moderno, foi se forjando uma variedade de constituição e formas de circo, plurais e autônomas: Circo de Variedades, Circo de Cavalinhos, Circo Tradicional, Circo Teatro, Circo Itinerante, Circo Escola e o Circo Social.

Conforme Gallo (2018), foi no começo da década de 1990 que uma série de fundações, instituições e associações sem fins lucrativos passaram a se dedicar a projetos sociais com o objetivo de promover o exercício da cidadania e da inclusão social. A atuação dessas instituições se dava por meio de atividades lúdicas, esportivas e artísticas, como instrumentos para consolidar práticas pedagógicas a fim de incentivar crianças, adolescentes e jovens a buscarem outra forma de vida que não a vivência nas ruas.

Em 1991, foi implantado no Rio de Janeiro o projeto “Se Essa Rua Fosse Minha,” cujos objetivos propunham sensibilizar a sociedade e o poder público sobre a situação das crianças de rua. Em 1992, o referido projeto organizou um Núcleo de Abordagem de Rua, que buscava trabalhar com uma linguagem, instrumentos e técnicas que fizessem parte do cotidiano do público atendido e que também pudesse interessá-los para frequentarem as unidades de atendimento e as diversas oficinas com várias linguagens artísticas. Naquela época, contratou-se a Intrépida Trupe Companhia para organizar essas oficinas, uma referência no circo contemporâneo, culminando na emergência do termo Circo Social.

Dentre as inúmeras definições que se utiliza para definir o circo social, a utilizada neste estudo é a de que se trata de uma metodologia que cria por meio da arte circense um diálogo pedagógico no contexto da educação popular, em uma perspectiva de promoção da cidadania e de transformação social, o que reforça a ideia de que o desenvolvimento do circo social no Brasil, se constituiu de diferentes formas, com várias abordagens, criando singularidades específicas em cada região onde era desenvolvido.

Perim (2010) ressalta o circo social como instrumento pedagógico para crianças e adolescentes de segmentos populares que enfrentam muitos desafios para o fazer circense no Brasil. “Propõe a articulação e a transversalidade das dimensões simbólicas, de cidadania e econômica do fazer artístico e cultural, do qual parece cada vez mais distar o circo em suas múltiplas formas de organização e conseqüentemente, o circo social’ (Perim, 2010 p. 207, in Bortoleto et al).

Dessa maneira, o circo social não pode ser compreendido como ideia ou prática ingênua e “caridosa” de oferta de aulas gratuitas de circo para crianças “carentes”, de bairros ou

comunidades periféricas em que há grandes índices de violências e vulnerabilidade, pois essa metodologia social possui uma força e uma intencionalidade crítica e renovadora de seus atores.

De acordo com Cartilha Circo Social no Brasil (2006. s/p),

Educar com circo é apostar na alegria e recuperar todo o potencial civilizatório de uma arte milenar, que desde as suas origens teve por base a diversidade, a aceitação do outro, o sentimento do fantástico e do mágico, a superação dos limites, a convivência e a criação coletiva e, acima de tudo, a brincadeira e o jogo levados a sério. São estes alguns dos elementos que baseiam a concepção do Circo Social. O Circo Social sonha com um mundo diferente, integrado e solidário, que se aceite como o que é: um lugar de todos, redondo, itinerante e a céu aberto.

Identifica-se, assim, a importância da necessidade de um educador democrático, que atue no sentido de não transferir conhecimentos, mas construí-lo a partir da problematização da realidade vivente. Isso demanda um educador que promova abordagens participativas e crítica no processo educacional, incentivando os educandos a se expressarem livremente, emitir opiniões e sentidos, para que o conhecimento seja capaz de ressignificar a realidade desigual em que estão inseridos.

Como circo social, o Circo da Alegria foi implantado há 32 anos, como um projeto social, vinculado à Secretaria Municipal de Educação do município de Toledo-PR, na Escola Municipal Anita Garibaldi, com ações de caráter educativo e socioassistencial. Tal escola se situa em território periférico, sob diversas expressões de vulnerabilidade social materializadas nas múltiplas e complexas manifestações da questão social. Atualmente<sup>3</sup>, são atendidos 30 alunos da Escola Municipal Anita Garibaldi que frequentam a educação em tempo integral e 140 crianças e adolescentes que acessaram a participação no projeto de forma espontânea ou através de encaminhamentos da rede socioassistencial do Bairro Jardim Europa e adjacências. Esse território é considerado pela política de assistência social do município de Toledo-PR, de vulnerabilidade social, referência utilizada para a implantação dos equipamentos públicos que ofertam os serviços, benefícios e programas socioassistenciais.

O referido território, é uma das mais populosos do município de Toledo e, pela divisão geoespacial, é o que mais apresenta famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família, o que confirma sua maior demanda para os atendimentos nas políticas sociais de assistência social, educação, saúde e trabalho. A expansão populacional trouxe consigo o acirramento das expressões da “questão social”, com a intensificação do trabalho informal, do desemprego e da violação de direitos, dado o envolvimento em situações de risco, como tráfico de drogas, assaltos/roubos, dentre outras situações de violência, especialmente envolvendo adolescentes.

---

<sup>3</sup> Agosto de 2024.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Entre 2000 e 2022, o Projeto Social do Circo da Alegria trabalhou com os seguintes objetivos: complementar o trabalho social com família desenvolvido pela política de assistência social, fortalecendo a convivência familiar e comunitária; prevenir a institucionalização e a segregação de crianças, adolescentes e jovens, em especial, de pessoas com deficiência, assegurando o direito à convivência familiar e comunitária; encaminhar para o acesso a benefícios e serviços socioassistenciais, encaminhar para rede social do território para o acesso a serviços setoriais, em especial das políticas de educação, saúde, cultura, esporte e lazer existentes no território, contribuindo para o usufruto dos usuários aos demais direitos; oportunizar o acesso às informações sobre direitos e sobre participação cidadã, estimulando o desenvolvimento do protagonismo dos usuários; possibilitar acessos a experiências e manifestações artísticas, culturais, esportivas e de lazer, com vistas ao desenvolvimento de novas sociabilidades; favorecer o desenvolvimento de atividades intergeracionais, propiciando trocas de experiências e vivências, fortalecendo o respeito, a solidariedade e os vínculos familiares e comunitários; intervir na constituição da identidade autônoma, no interesse pela aprendizagem, fazendo a integração família - escola – comunidade, despertando nele um pensamento crítico, responsável e construtivo nas diferentes situações sociais; representar os interesses da comunidade escolar e circense junto à direção do estabelecimento de ensino vinculado, bem como em conferências, audiências, grupos e fóruns sociais, enriquecendo o currículo escolar com a participação política e a vivência popular.

Devido ao espaço compartilhado com uma instituição de ensino formal, houve a necessidade de o Circo da Alegria se aproximar do formato institucional e social de uma escola. Ou seja, constituir turmas por faixa etária, organizar os conteúdos com uma sequência didática com previsão do percurso pedagógico correspondente à constituição das turmas, dividir os conteúdos por bimestres, elaborar instrumentos e implantar formas de monitoramento e avaliação semestrais. Essas exigências contribuíram sobremaneira para o êxito do trabalho do circo social, pois identificar as necessidades pedagógicas e artísticas por idade favorece o trabalho da/o educador/a e a relação com a escola proporciona o trabalho em conjunto em eventos e ações comunitárias, fomentando o diálogo com os e as professores/as, sobretudo em relação às fragilidades e potencialidades das/os educandas/os, o que possibilita constantemente o fortalecimento das relações e do trabalho entre Circo e Escola, tendo nesta o respaldo ao trabalho de ambos em relação à comunidade, às famílias e aos alunos.

Deliberando pelo conteúdo por série e pelo percurso pedagógico, o Circo da Alegria estruturou os conteúdos com uma progressão de nível, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento humano como sujeitos sociais; ensinar a arte circense por meio de habilidades físicas e emocionais; bem como capacitar para a produção e apresentação artística e cultural da arte circense, constituindo as turmas: Turma baby, Turma do Nível I, Turma do Nível II e Turma do Nível III. Durante os quatro bimestres, são previstas atividades de exercícios de atuação, expressão corporal e musicalidade que constam no planejamento semestral, pois os conteúdos abrangem o ensino para a atuação e postura em palco como parte da composição cênica. A experiência com outras vertentes e/ou linguagens artísticas aprimoram a formação artística e cultural quando se relacionam as técnicas do circo com a música, a coreografia, o papel que representa, como usar figurino e cenário, a leitura e interpretação das temáticas para que possam assimilar a diversidade cultural e social da arte circense.

O Circo da Alegria está presente em todo percurso educacional de seus/seus educandos/as na medida em que oferta turmas na faixa etária de 05 até 29 anos de idade, reconhecendo os ciclos de vida da criança, adolescente e jovens. A permanência e a vivência com a arte circense vão lapidando as/os participantes, que abarca uma formação para além da técnica circense e do condicionamento físico, preparando-o para a cultura do circo, envolvendo diversas linguagens artísticas, culturais e sociais.

Importa-nos evidenciar a convivência e o relacionamento entre os sujeitos do Circo da Alegria, pautados na igualdade com equidade social, independentemente das habilidades individuais, para que todos se sintam valorizados e apoiados. Isso fomenta o fortalecimento dos vínculos sociais entre os participantes e destes com o espaço social construído, fomentando o sentido de pertencimento e de responsabilidade coletiva. Outro ponto de destaque é o quanto a participação em diversos eventos pode ser vital para o desenvolvimento integral dos participantes, capacitando-os para a vida e as diversas situações a que são expostos. Por isso, a educadora social, responsável pelo trabalho social e artístico, ressalta a necessidade de reconhecer a vaidade dos participantes durante as apresentações e canalizá-las de forma positiva fazendo desta uma ferramenta poderosa para melhorar a autoestima e a solidariedade dos participantes e entre os participantes.

Dessa forma, constata-se a importância da sociabilidade construída no circo social, explicitada nas relações que o homem mantém com os outros homens e que se tornam essenciais para criar e recriar a existência,



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. E, na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas (Freire, 1967. p. 43).

Além da dimensão social constitutiva do ser social, o autor enfatiza a historicidade como forma de responder às necessidades humanas no decorrer da existência, sobretudo quando o sujeito tem como alternativa um campo de possibilidades cunhado de potencialidade e de ruptura com os constrangimentos que o modo de produção capitalista impõe como padrão e normativo. Isso envolve a educação popular e todo o seu invólucro como processo de aproximação da liberdade, seja pela autocriação do homem pela arte, seja pela resistência e ação educativa que o circo social possibilita a quem dele participa.

#### **IV CONCLUSÃO**

O processo formativo inerente ao Circo da Alegria de Toledo-PR, na perspectiva da educação popular, preza por uma educação na qual os educadores ultrapassem os conceitos de que educar é apenas transmitir os conhecimentos, mas que por meio de suas ações educativas, seus educandos tenham possibilidade de conhecer e se apropriar da criticidade para a construção de respostas às questões coletivas cotidianas.

Sendo assim, o espaço social do Circo da Alegria se amplia para a comunidade, despertando o sentimento de pertença e envolvendo-a na participação das atividades sociais.

O trabalho pelo circo desenvolvido tem contribuído com as famílias, os indivíduos e a comunidade no acolhimento enquanto espaço social de convivência, orientação para inserção nas diversas políticas públicas e na inserção dos alunos egressos no mercado de trabalho.

Para T.R.P. (2024), o Circo da Alegria por alguns longos anos, representou a porta de entrada para um outro mundo ao qual eles (a comunidade) achavam que não pertenciam - o da inclusão social por meio da arte. Como mencionou a coordenação geral do Circo da Alegria, a arte e a cultura podem ser consideradas como instrumentos de inclusão social à medida que são utilizadas como complementares às diversas formas de aprendizagem e conhecimento. O que obstaculiza esse processo é o nível profundo de desigualdade social e preconceito presentes na

realidade social, que limitam o acesso universal ao patrimônio cultural material e imaterial da humanidade. Ou seja, a grande maioria, acaba sendo privada de apreciar ou praticar atividades artísticas e culturais.

É neste contexto que a educação se inscreve como agente mediador entre o conhecimento disponível e o indivíduo, sendo o ambiente educacional formativo, formal e não-formal, o espaço atrativo para crianças, adolescentes e jovens se inserirem e terem possibilidades de acessar a arte e a cultura, ainda que determinados pela lógica curricular e/ou de educação popular.

De acordo com os sujeitos entrevistados pela pesquisa, muitas são as contribuições de um projeto de Circo Social dentro de uma comunidade, uma vez que o trabalho do circo consegue minimizar a questão da violência pelas ações de convivência social e acolhimento, possibilitando que as crianças e adolescentes possam construir projetos de vida futuros por meio da arte, elevando o sentimento de pertencimento e valorização da comunidade local.

O Circo da Alegria de Toledo reconhece a potencialidade do social e a educação popular como uma possibilidade desse público se apropriar do patrimônio cultural material e imaterial das diversas linguagens artísticas e culturais, seus conhecimentos, habilidades, valores e princípios, como forma de ultrapassagem do indivíduo singular para o humano genérico.

Por ser social implica, necessariamente, a linguagem e a educação. Apropriar-se do patrimônio genérico – conhecimentos, habilidades, valores – é condição imprescindível para que o indivíduo singular possa se transformar em membro efetivo do gênero humano. Esta é a tarefa essencial da educação. Neste sentido, formar o homem integral é permitir que ele tenha acesso, o mais pleno possível, ao conjunto de bens – materiais e espirituais – necessários a sua plena realização (TONET, 2016, p. 53).

Frente a essa questão, torna-se essencial que o ensino do circo social seja o fomentador de alternativas de escolhas para que os/as educandos/as se apropriem e ampliem os conhecimentos, despertando-os para o senso crítico, a participação política, possibilitando aos mesmos um novo sentido para a realidade que experienciam. Portanto, a relação do Circo da Alegria de Toledo/Pr como metodologia social, fundamentada na educação popular, revela um caráter emancipatório.

É necessário realizar a distinção entre educação emancipadora e atividades educativas emancipadoras, sendo esta segunda possível no contexto societário capitalista. Tonet (2018), ao mencionar a educação, a aborda como um sistema geral, uma política educacional, ao passo que, ao referenciar as atividades educativas, as considera como “ações mais pontuais, mais limitadas.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

É neste sentido que afirmamos que não é possível, hoje, desenvolver uma educação emancipadora, mas apenas atividades educativas de caráter emancipatório” (Tonet, 2018, p.19). Ou seja, parte da explicação de que a educação está monopolizada pela ideologia burguesa dominante, forjada pelo antagonismo das classes sociais que produz e reproduz as contradições sociais. É exatamente nas relações sociais contraditórias que se instauram espaços propícios que se movimentam, possibilitando a realização de atividades educativas emancipatórias:

Para tanto, é importante que as atividades educativas emancipatórias contribuam para que haja uma compreensão do processo histórico, que explica e analisa a realidade social em suas dimensões econômica, política, social, ideológica e cultural, como resultante das ações humanas. Num segundo momento, o autor debate a importância de compreender a origem, produção e reprodução da sociabilidade do capital e suas contradições. Em terceiro lugar, coloca como imprescindível realizar atividades educativas que compreendam os fundamentos, lógica e viabilidade real da construção de uma sociedade comunista. E, por fim, considera atividades educativas como aquelas que permitem a compreensão da educação, sua função social, possibilidades e limites. Essa questão evita atribuir à educação como única responsável pelo progresso, bem como aniquila dela sua dimensão revolucionária: “e, por fim, todo esse conjunto de atividades contribuirá para que as pessoas possam se engajar na luta pela construção dessa nova sociedade, participando tanto das lutas específicas da dimensão educativa quanto das lutas mais gerais” (Tonet, 2013, p.11).

Assim, pode-se dizer que o Circo da Alegria é uma metodologia social pautada na educação popular, de caráter não-formal, que se coloca na vida dos sujeitos como um instrumento de acesso a parte de bens produzidos pela humanidade, a partir da prática cotidiana de realização de atividades educativas emancipatórias.

## V- REFERÊNCIAS

BORTOLETO, M. A. C. et al. **Introdução à pedagogia das atividades circenses**. Volume 2. Editora Fontoura: Jundiaí, 2010.

BORTOLETO, M; PINHEIRO, P.H.G.G; PRODOCIMO, E. **Jogando com o circo**. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2011.

**CARTILHA CIRCO SOCIAL NO BRASIL**. Publicada através de incentivo do Funcultura, pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico do Pernambuco.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2018. 65º ed. Rio de Janeiro/ São Paulo.2018. 256 p.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 1 Ed. Rio de Janeiro – Paz e Terra 2015.

GALLO, Fabio Dal. **Escola Picolino: o circo social e a educação** – 1 ed. – São Paulo: Perspectiva; Salvador : PPGA/UFBA. 2018

GOHN, Maria da Glória. **Não-fronteiras: universos da educação não-formal**. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Educação 2023 traça cenário do acesso à escola e ao ensino superior no país. Disponível em:

<https://jeduca.org.br/noticia/pnad-educacao-2023-traca-cenario-do-acesso-a-escola-e-ao-ensino-superior-no-pais>

NETO, José Francisco de Melo. Educação Popular 'Experiência'. Universidade Federal da Paraíba, s/d.

Disponível

em:

<http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT06-5968--Int.docx.pdf>

Perim, J. (2010). Circo Social brasileiro: da ação social educativa à produção estética. In: Bortoleto, M. A. C. (Org.). **Introdução à pedagogia das atividades circenses**. (Vol. 2). Fontoura.

SANTOS, Francine Helfreich Coutinho. Os Caminhos Da Educação Popular E O Encontro Com O Serviço Social. In: PEREIRA, L. D.; ALMEIDA, N. L. T. de. (Orgs.) **Serviço Social e Educação**. Uberlândia, Navegando Publicações, 2020.

SILVA, Erminia. **Circo-Teatro: Benjamim de Oliveira e a teatralidade circense no Brasil**. São Paulo: Itaú Cultural; Editora WMF Martins fontes, 2022.

SILVA, Erminia. **Respeitável público ...o circo em cena**. Rio.de Janeiro: Funarte, 2009.

SILVEIRA, Cleia J. (org). **Rede Circo do Mundo Brasil, uma proposta metodológica em rede**. Rio de Janeiro, FASE, 2003.

TONET, Ivo. **Educação Contra o Capital**. Editora: Instituto Lukacs; 3ª edição ampliada. São Paulo, 2016.

TONET, Ivo. **Interdisciplinaridade, formação humana e emancipação humana**. In: Revista Serviço Social Sociedade, São Paulo, Editora Cortez, nº 116, 2013. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/sssoc/a/GXvFhStx9X44bbqzhJWQNfs/?format=pdf&lang=pt>

TONET, Ivo. **Um Novo Horizonte para a Educação**. Revista Amazonida, v.3, 2018. Disponível em:

<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonida/article/view/4771/4180>

WANDERLEY, Educação popular e processo de democratização. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). **A questão política da educação popular**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense